



Uma leitura semiótica de “Pais e filhos”: o plano do conteúdo da canção

Sonia Merith-Claras*

Resumo: A teoria semiótica, proposta por Algirdas Julien Greimas, de linha francesa, insere-se entre as teorias que objetivam descrever e explicar como os sentidos dos textos são produzidos. Sendo assim, diferentes estudiosos estão desenvolvendo trabalhos no intuito de aliar tal teoria ao ensino de língua portuguesa. A necessidade de se encontrar outros instrumentos teórico-metodológicos no ensino deve-se, principalmente, a indicadores como Prova Brasil e SAEB (Sistema de Avaliação da Educação Básica) os quais têm apontado para índices desfavoráveis quanto à competência de leitura dos alunos avaliados. Desta forma, nosso objetivo, neste trabalho, é sugerir, por meio da análise semiótica da letra da música *Pais e Filhos*, interpretada pela banda Legião Urbana, um possível encaminhamento a ser seguido na leitura do gênero em pauta. Nosso intuito, com a análise, cujo foco centra-se no nível discursivo do percurso gerativo, é destacar questões em torno da manifestação linguística. Sendo assim, a ênfase será dada às escolhas feitas pelo enunciador e a apreensão de temas, os quais são recobertos pela organização figurativa. O processo de mediação do professor na construção dos sentidos dos textos é algo essencial, por isso acreditamos que as discussões compreendidas acerca da letra da música podem auxiliar o professor a eleger assuntos a serem abordados na aula de leitura.

Palavras-chave: Semiótica, leitura, ensino,

Introdução

O ensino brasileiro vem, há tempos, em avaliações realizadas, apresentando resultados insatisfatórios. Desenvolvido conjuntamente pelos países-membros da OCDE (Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Econômico), o PISA (Programa Internacional de Avaliação de Alunos) é uma avaliação internacional de habilidades e conhecimentos de jovens de 15 anos, que visa a aferir até que ponto os alunos próximos do término da educação obrigatória adquiriram conhecimentos essenciais para a participação efetiva na sociedade. O PISA se propõe a avaliar, periodicamente, um leque amplo de conhecimentos, habilidades e competências nas áreas de leitura, matemática e ciências. A primeira avaliação foi realizada em 2000, com ênfase na leitura, ocasião em que o Brasil ficou em último lugar, com 396 pontos.

Apesar de, na última avaliação realizada pelo PISA em 2009, o Brasil ter atingido 412 pontos, o país continua muito abaixo dos países desenvolvidos, ocupando o 53º lugar dentre os 65 que fizeram o exame. É nesse contexto de resultados insatisfatórios, acerca

da leitura de textos que apontamos a Semiótica, a qual visa a compreender/explicar os sentidos de um texto, como uma alternativa teórico-metodológica ao professor de língua materna no ensino da leitura e no desenvolvimento da competência de compreensão da linguagem.

Neste trabalho, nossa discussão centrar-se-á em como abordar o gênero “letra de música”, da esfera literária, em aulas de leitura, uma vez que este gênero é apontado pelas Diretrizes Curriculares da Educação Básica do Paraná¹, língua portuguesa, como sendo um dos que devem ser trabalhados na escola.

Em suma, nosso objetivo é apresentar uma análise, com respaldo da teoria Semiótica de linha francesa, da letra da música *Pais e Filhos*, interpretada pelo Legião Urbana, a fim de sugerir uma possibilidade de encaminhamento de atividade de leitura. Por se centrar no nível discursivo, do percurso gerativo do sentido, nossas discussões focalizarão questões em torno da manifestação linguística, ora priorizando as escolhas feitas pelo enunciador, ora focalizando a apreensão de temas, os quais são recobertos pela organização

* Professora efetiva da Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná (UNICENTRO). Endereço para correspondência: (sonia-clame@gmail.com).

¹ A seleção de gêneros a serem trabalhados na escola, sugerida pelas DCEs, pauta-se na proposta elaborada por Jaqueline Peixoto, na obra: *Trabalhando com os gêneros discursivos: uma perspectiva para o ensino da Língua Portuguesa*.

figurativa.

Interessante destacar que na área da Semiótica têm sido recorrentes trabalhos que analisam não apenas a letra da música, ou seja, o plano do conteúdo, mas também o plano da expressão, encerrando desta forma, a análise da canção. O aparato teórico que sustenta tais análises é proposto por Luiz Tatit, na obra *Semiótica da Canção*. Para dar conta de analisar a canção, é preciso observar a melodia, o ritmo, a harmonia, o uso dos instrumentos, a voz do cantor, a letra da música, a sonoridade das palavras, bem como o plano do conteúdo. Daí a diferença entre os gêneros “canção” e “letra de música”. Contudo, a ênfase de nosso trabalho recai apenas sobre o plano do conteúdo, ou seja, a letra da música, uma vez que para dar conta dos demais elementos que configuram a canção, é necessário conhecimento de música.

Arrolamos, na sequência, algumas considerações sobre a teoria utilizada para tal análise, ou seja, a Semiótica, para na sequência apresentar a análise de *Pais e Filhos*.

1. Semiótica greimasiana: apontamentos teóricos

A semiótica, teoria desenvolvida por Algirdas Julien Greimas, tem na obra *Semântica Estrutural*, seu marco inaugural. No Brasil, muitos autores vêm publicando trabalhos visando a divulgar o projeto semiótico, dentre esses, destacam-se Diana Barros e José Fiorin. Dos autores, convém ressaltar as obras: *Teoria do discurso: fundamentos semióticos* (Barros, 1988) e *Teoria semiótica do texto* (Barros, 2005) de Diana Barros e *Elementos da análise do discurso* (Fiorin, 2006) e *As astúcias da enunciação: categorias de pessoa, espaço e tempo* (Fiorin, 1999) de José Luiz Fiorin, que visam a explicar o arcabouço teórico da semiótica.

A semiótica insere-se entre as teorias que concebem o texto, e não mais a frase, como unidade de sentido. Conforme Barros (2005, p. 7), importa para a semiótica “descrever e explicar o que o texto diz e como ele faz para dizer o que diz”. O texto, no viés semiótico, deve ser entendido como objeto de significação e de comunicação entre sujeitos. “A primeira concepção de texto, entendido como *objeto de significação*, faz que seu estudo se confunda com o exame dos procedimentos e mecanismos que o estruturam, que o tecem como um todo de sentido”. A concepção do texto, como objeto de comunicação entre dois sujeitos, refere-se ao fato de o texto encontrar “seu lugar entre os objetos culturais, inserido numa sociedade (de classes) e determinado por formações ideológicas específicas”. Portanto, o texto deve ser compreendido tanto como objeto de significação, quanto objeto de comunicação.

A fim de explicar os sentidos dos textos, no que diz respeito ao plano do conteúdo, a semiótica faz uso do

percurso gerativo do sentido. Esse percurso é compreendido como “uma sucessão de patamares, cada um dos quais suscetível de receber uma descrição adequada, que mostra como se produz e se interpreta o sentido” (Fiorin, 2006, p. 20), num processo que vai do mais simples e abstrato, ao mais complexo e concreto.

Barros (2005, p. 9), ainda no que diz respeito ao percurso gerativo do sentido, sintetiza-o da seguinte forma:

- a) o percurso gerativo do sentido vai do mais simples e abstrato ao mais complexo e concreto;
- b) são estabelecidas três etapas no percurso, podendo cada uma delas ser descrita e explicada por uma gramática autônoma, muito embora o sentido do texto dependa da relação entre os níveis;
- c) a primeira etapa do percurso, a mais simples e abstrata, recebe o nome de nível fundamental ou das estruturas fundamentais e nele surge a significação como uma oposição semântica mínima;
- d) no segundo patamar, denominado nível narrativo ou das estruturas narrativas, organiza-se a narrativa, do ponto de vista de um sujeito;
- e) o terceiro nível é o do discurso ou das estruturas discursivas em que a narrativa é assumida pelo sujeito da enunciação.

Em suma, a semiótica utiliza-se do percurso gerativo para descrever os sentidos do texto, para tanto, trabalha com um nível fundamental, um nível narrativo e um nível discursivo. Esses níveis dão conta de explicar o sentido sendo que cada um desses níveis possui uma sintaxe e uma semântica. Ao perpassar por esses níveis, “busca-se *o quê*, mas por vias do *como*, não o sentido verdadeiro, mas, antes, o parecer verdadeiro, o simulacro; não a fragmentação do sentido, mas a totalidade, apreendida da unidade textual” (Cortina; Marchezan, 2004, p. 394).

Em relação à semântica do nível fundamental, o mais simples e abstrato, essa abriga as categorias semânticas que estão na base da construção de um texto, sendo que uma categoria semântica se fundamenta numa diferença, numa oposição. No entanto, para que dois termos possam ser apreendidos conjuntamente, é preciso que tenham algo em comum e é sobre esse traço comum que se estabelece uma diferença.

Não opomos, por exemplo, /sensibilidade/ a /horizontalidade/, pois esses elementos não têm nada em comum. Contrapomos, no entanto, /masculinidade/ a /feminilidade/, pois ambos se situam no domínio da /sexualidade/ (Fiorin, 2006, p. 22).

A sintaxe, do nível fundamental, abrange duas operações, a negação e a asserção. Isso significa que, “dada uma categoria tal que a versus b, podem aparecer as seguintes relações: a) afirmação de a, negação de a, afirmação de b; b) afirmação de b, negação de b, afirmação de a”. (Fiorin, 2006, p. 23).

Em relação ao nível narrativo, este diz respeito à narratividade que todo texto possui. A sintaxe narrativa simula o fazer do homem que transforma o mundo. Nesse nível há os enunciados de estado, os que estabelecem uma relação de junção (disjunção ou conjunção) entre um sujeito e um objeto, e enunciados de fazer, que mostram as transformações e correspondem à passagem de um enunciado de estado a outro. As narrativas compreendem, ainda, quatro fases: a manipulação, a competência, a performance e a sanção. Na manipulação temos um sujeito que age sobre outro a fim de levá-lo a querer e/ou dever fazer algo. Já na fase da competência, o sujeito que vai realizar a transformação da narrativa é dotado de um saber e/ou poder fazer. Caso contrário, não poderia completar a performance, que é a fase em que se dá a transformação, ou seja, a mudança de um estado a outro. Após a performance, há a sanção, nessa fase constata-se que a performance foi realizada e há, então, o reconhecimento do sujeito que operou a transformação. Esse reconhecimento pode ser prêmio ou castigo.

A semântica, do nível narrativo, diz respeito aos valores inscritos nos objetos. Numa narrativa há sempre dois tipos de objetos: os objetos modais (o querer, o dever, o saber e o poder) elementos cuja aquisição é necessária para realizar a performance principal; e os objetos de valor, com os quais se entra em conjunção ou disjunção na performance principal.

No nível discursivo, mais precisamente na sintaxe discursiva, opera-se sobre os mesmos elementos da narrativa, observando, no entanto, fatores que foram dispensados na análise da narrativa, como as projeções da enunciação no enunciado, os recursos de persuasão utilizados pelo enunciador para manipular o enunciatário ou, ainda, a cobertura figurativa dos conteúdos narrativos abstratos.

Cabe à sintaxe do discurso explicar as relações do sujeito da enunciação com o discurso-enunciado e, também, as relações que se estabelecem entre enunciador e enunciatário. O discurso define-se, ao mesmo tempo, como objeto produzido pelo sujeito da enunciação e como objeto de comunicação entre um destinatador e um destinatário. (Barros, 2005, p. 54).

Na semântica discursiva, há a tematização e figurativização do discurso. É a semântica discursiva que reveste e, por isso, concretiza as mudanças de estado

do nível narrativo. Assim, tematização e figurativização são dois níveis de concretização do sentido. Conforme Fiorin (2006, p. 41), “todos os textos tematizam o nível narrativo e, depois, esse nível temático poderá ou não ser figurativizado”.

Em suma, o percurso gerativo do sentido compreende três etapas, o fundamental, o narrativo e o discursivo. Cada um desses níveis discute aspectos relacionados a uma sintaxe e a uma semântica. Na análise seguinte focalizaremos aspectos relacionados ao nível discursivo.

2. A música *Pais e Filhos* e o nível discursivo: da organização figurativa à apreensão de temas

A música *Pais e Filhos*, de autoria de Dado Villa Lobos, Renato Russo e Marcelo Bonfá, interpretada pela banda Legião Urbana, foi divulgada no álbum *As quatro Estações* no ano de 1989. Por uma questão metodológica, a fim de facilitar a leitura do texto e melhor compreensão da análise, a letra da música encontra-se inserida no corpo do trabalho.

Pais e Filhos²

Estátuas e cofres e paredes pintadas
Ninguém sabe o que aconteceu.
Ela se jogou da janela do quinto andar
Nada é fácil de entender.

Dorme agora,
é só o vento lá fora.

Quero colo! Vou fugir de casa!
Posso dormir aqui com vocês?
Estou com medo, tive um pesadelo
Só vou voltar depois das três.

Meu filho vai ter nome de santo
Quero o nome mais bonito.

É preciso amar as pessoas
Como se não houvesse amanhã
Porque se você parar pra pensar
Na verdade não há.

Me diz, por que que o céu é azul?
Explica a grande fúria do mundo
São meus filhos
Que tomam conta de mim.
Eu moro com a minha mãe
Mas meu pai vem me visitar

² Fonte: <http://letras.terra.com.br/legiao-urbana/22488/>. Acesso em 13/06/2014.

Eu moro na rua, não tenho ninguém
 Eu moro em qualquer lugar.
 Já morei em tanta casa
 Que nem me lembro mais
 Eu moro com os meus pais.

É preciso amar as pessoas
 Como se não houvesse amanhã
 Porque se você parar pra pensar
 Na verdade não há.

Sou uma gota d'água,
 sou um grão de areia
 Você me diz que seus pais não te entendem,
 Mas você não entende seus pais.
 Você culpa seus pais por tudo, isso é absurdo

São crianças como você
 O que você vai ser,
 Quando você crescer?

A construção textual, da letra em pauta, organiza-se por meio de debreagens enunciativas. Considerando as diferentes estrofes, na primeira delas há uma debreagem enunciativa, no tempo do *agora*, no espaço do *aqui*, na pessoa do *eu*. Isso pode ser confirmado pelo verbo *ser*, no presente: “Nada é fácil de entender”. Os versos anteriores, “Estátuas e cofres e paredes pintadas / Ninguém sabe o que aconteceu. / Ela se jogou da janela do quinto andar” dizem respeito ao momento anterior ao momento de referência presente, conforme o esquema proposto por Fiorin (1999):

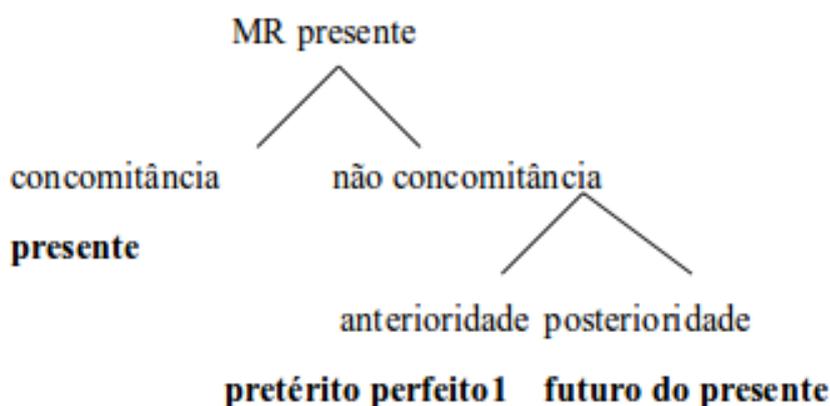


Figura 1: Tempos verbais do momento de referência presente

Os verbos, “aconteceu”, “se jogou” confirmam que há uma debreagem enunciativa, haja vista que as ações expressas por tais verbos são anteriores ao momento de referência presente, o *agora*, representado no discurso pelo verbo *ser* - “é”. Ou seja, há um enunciador, que fala do *agora* para um enunciatário. A escolha do enunciador, pela debreagem enunciativa, cria o efeito de subjetividade frente aos fatos, às situações narradas pelo narrador. Essas escolhas, pela debreagem enunciativa, conforme Fiorin (1999), são exemplos de enunciação enunciada. Nestes casos é possível recuperar, no enunciado, consoante Benveniste (1989), marcas da enunciação, que é sempre uma instância pressuposta.

Em suma, por meio de uma debreagem enunciativa, o enunciador projeta no discurso um narrador, que fala em primeira pessoa - *eu*, no tempo presente - *agora*, no espaço do *aqui*. Ao projetar um *eu* (narrador), o enunciador institui, necessariamente, um *tu*, ou seja, o narratário.

Todavia, a beleza da letra da música, ou ainda, a de-

preensão de sentidos só é possível se compreendermos as diferentes vozes instituídas no discurso por meio da fala do narrador. Ou seja, se entendermos que o narrador assume, pelo discurso realizado, papéis ac-tanciais diferentes no texto e, ao proceder desta forma, institui, também, diferentes narratários. O que nos possibilita recuperar estes papéis sociais é o título da música *Pais e Filhos*. Ou seja, ora o discurso pode ser identificado como sendo do narrador, que fala para um narratário, ora esta fala do narrador confunde-se com a de alguém que assume os papéis de *pais* ou de *filhos*. Quer seja, é um narrador, que por meio de uma debreagem enunciativa, escolhe falar por meio de diferentes papéis.

Na música, quando o “eu” se refere ao papel de pais, o “tu” diz respeito aos filhos, e vice-versa, isto é, o “eu” que fala no papel de filhos, direciona o seu discurso para um “tu”, neste caso para os pais. Sendo assim, há diferentes vozes presentes na música: a do narra-dor que fala para um narratário e a dos interlocutores, *Pais e Filhos*, que falam aos interlocutários “filhos” e

“pais”. Apesar de a delegação de voz não acontecer de maneira explícita, quando o narrador delega voz aos personagens a fim de criar um simulacro da realidade, ela é possível de ser recuperada, uma vez que os atores que recebem a fala do narrador estão inscritos no título do texto – *Pais e Filhos*. Podemos entender esse recurso, também, como o discurso indireto livre, uma vez que, segundo Fiorin (2006, p. 68), “no discurso indireto livre é a fala da personagem que invade a fala do narrador. Neste, ressoam duas vozes na fala do narrador: a sua e a da personagem”. Contudo, nossa análise focalizará esse jogo linguístico como sendo um narrador que assume diferentes papéis. Para tanto, recorreremos às estrofes da música para evidenciar as diferentes vozes assumidas pelo narrador, bem como as instituídas pelo narrador ao narratário na organização do texto.

Como já discutido, na primeira estrofe é possível identificar um narrador, que fala para um “tu”, o narratário. Entretanto, na segunda estrofe o discurso do narrador deve ser compreendido como de um “eu” que fala do papel actancial de pai, para um “tu”, no papel actancial de filho: “Dorme agora, / é só o vento lá fora”. Ao contrário do que ocorre na segunda estrofe, na terceira há uma sequência de falas que só fazem sentido se entendidas como discursos de filhos para seus pais: “Quero colo! Vou fugir de casa! / Posso dormir aqui com vocês? / Estou com medo, tive um pesadelo / Só vou voltar depois das três”. Nos versos anteriores, o narrador assume o papel de filho, de diferentes idades: filhos pequenos, que pedem colo, que têm pesadelo; adolescentes que ameaçam, num ato de rebeldia fugir de casa; jovens que já saem à noite e apenas informam a hora que voltarão para casa. Discursos socialmente reconhecidos nos relacionamentos familiares, garantidos pela isotopia temática impressa no título *Pais e Filhos*. Há, até então, três instâncias enunciativas: a do narrador e a dos interlocutores, *Pais e Filhos*. Em cada uma dessas instâncias é possível reconhecer o “tu” a que tais discursos se dirigem, ou seja, o narratário e os interlocutários, “filhos” e “pais”.

Na quarta estrofe o narrador assume, novamente, o papel actancial de pai: “Meu filho vai ter nome de santo / quero o nome mais bonito”. São versos que apontam para o lado sonhador dos pais, que desejam filhos saudáveis, que sejam como os santos, isto é, pessoas boas. Uma relação fantasista de aproximar os filhos a uma “santidade”, o que resulta em querer o nome de santo para o filho. Todavia, na estrofe seguinte é possível reconhecer a fala do próprio narrador, o mesmo que fala no início da música: “É preciso amar as pessoas / Como se não houvesse amanhã / Porque se você parar pra pensar / Na verdade não há”.

Na sexta estrofe é possível reconhecer discursos de filhos: “me diz, por que que o céu é azul? / Explica a grande fúria do mundo; e também de pais, prova-

velmente idosos ou doentes: São meus filhos / Que tomam conta de mim”. Até então, a música aborda questões acerca dos relacionamentos familiares, discursos que apontam para conflitos, ou ainda, para as diferentes fases relacionadas à idade dos filhos, desde a gestação quando da escolha do nome do filho, até o momento em que os pais precisam dos cuidados dos filhos.

Entretanto, na sétima e oitava estrofes a música aborda diferentes modelos de família. Ou seja, assumindo o papel actancial de filho, o narrador descreve diferentes famílias: a de filhos que têm pais separados; a de filhos que moram na rua, em casas alheias e, por isso, não têm um lar; e, por último, a de filhos que moram com seus pais: “Eu moro com a minha mãe / Mas meu pai vem me visitar / Eu moro na rua, não tenho ninguém / Eu moro em qualquer lugar / Já morei em tanta casa / Que nem me lembro mais / Eu moro com meus pais”.

A nona estrofe traz repetição do refrão, quando o narrador assume o discurso. Na sequência, nas duas últimas estrofes, é possível depreender outra instância enunciativa, a de um narrador que assume o discurso não para um narratário “geral”, como o fez até então, mas para o tu filhos, destacando o quão pequenos somos: “sou uma gota d’água, / sou um grão de areia. Além disso, destaca-se a necessidade de compreensão na relação familiar: Você diz que seus pais não te entendem, / Mas você não entende seus pais. Essa ideia é reiterada até o término da música: Você culpa seus pais por tudo, isso é absurdo / São crianças como você / O que você vai ser, / Quando você crescer?”

Todas as escolhas do enunciador, por meio da delegação de voz, projetando diferentes instâncias enunciativas, ou entendidas como uso de discurso indireto livre, têm o propósito de chamar a atenção do enunciatário para questões acerca das relações, conflitos e modelos familiares. Esses desdobramentos, analisados até então, fazem parte da sintaxe discursiva, todavia, há por trás dessas organizações discursivas temas que podem ser depreendidos. Uma forma de chegar a tais temas é recuperar, agrupar figuras que podem apontar para os temas, os sentidos imanentes do texto. Como visto, todo o texto aborda questões que giram em torno das relações familiares, cujo título *Pais e Filhos*, desencadeador de isotopia, assegura que as temáticas, subjacentes à letra de música, relacionam-se ao universo familiar.

A primeira temática depreendida no texto gira em torno do suicídio. A ideia de morte é recuperada pela figura “se jogou”. Não é apenas uma situação de morte, mas sim, de suicídio: é a morte de alguém que quis morrer no ambiente da própria casa. As figuras “estátuas”, “cofres”, “paredes pintadas” indicam que o espaço do suicídio é um ambiente familiar. Convém destacar que o ambiente do suicídio aparenta ser, a

contar pelas figuras elencadas, de certo poder aquisitivo. Isto é, uma morte inexplicável, haja vista que o narrador reitera: “nada é fácil de entender”. Interessante destacar que a temática da morte e do suicídio é desencadeada por apenas uma figura: “se jogou”. Os conflitos que cercam o universo familiar, elencados na sintaxe discursiva, podem ser as razões para o suicídio.

Além da temática envolvendo a morte, mais precisamente a questão do suicídio, outros temas emergem da organização figurativa. Dentre estes está o divórcio, que institui uma nova relação, um modelo diferente de relacionamento entre os pais e os filhos, ou seja, filhos que moram com a mãe e recebem a visita do pai. Na música discute-se, ainda, a questão do abandono, crianças que vivem na rua, em qualquer lugar, conforme reiterado nas figuras: “na rua, tanta casa, qualquer lugar”.

Outra temática, presente na música, refere-se à necessidade do amor entre as pessoas, especialmente entre *Pais e Filhos*. A emergência do amor, no presente, não deixado para o amanhã, é defendida no refrão da música, repetida por duas vezes. Quer seja, a música aborda, justamente, os sentimentos que envolvem *Pais e Filhos*, destacando a fragilidade dos filhos, que querem colo, que têm pesadelos. Trata, ainda, da velhice dos pais, que são cuidados/amparados pelos filhos. Em meio a tais questões, destaca-se a necessidade de se amar as pessoas. É o amor sendo requisitado como essencial nas relações familiares. Relacionada à temática do amor, da afetividade, está a urgência de se viver intensamente cada dia; viver o presente, uma vez que o futuro não existe.

Em suma, os temas relacionam-se às questões que envolvem sentimentos, as relações familiares: o amor, a afetividade, a inocência, o divórcio, o abandono e, até mesmo, a morte. Assuntos, temáticas, que envolvem *Pais e Filhos*, conforme sugere o próprio título.

Por fim, uma questão importante precisa ser posta: a linearidade temporal que é traçada no desenvolvimento da letra da música. Há um percurso que vai desde o nascimento, quando os pais escolhem o nome dos filhos, querendo um nome de santo, perpassando pela infância, quando crianças têm medo de tudo, à fase da adolescência/juventude, até a velhice, quando os filhos cuidam dos pais. Este percurso, traçado acerca da vida, é posto pelo narrador como algo cíclico, uma vez que os filhos de hoje, serão os pais de amanhã: “o que você vai ser quando você crescer”?

3. Considerações finais

A aula de leitura, no contexto escolar, deve ser um momento em que se oportunize aos alunos a ampliação de seus conhecimentos por meio da construção de sentidos. Muitos são os fatores que contribuem para o sucesso deste propósito, dentre estes, a mediação do

professor, algo fundamental para que o aluno possa perceber os sentidos que se encontram por trás da organização figurativa do texto, segundo o gênero proposto. Além disso, é importante a seleção do gênero abordado, pois a escolha de gêneros que se aproximam da realidade dos alunos, como a letra de música, pode favorecer o interesse dos alunos pela atividade de leitura.

A análise realizada em torno da música visou elencar os temas que subjazem às figuras, presentes na organização textual. Além disso, procuramos destacar como a construção de sentido, por meio das vozes instituídas no discurso, podem ser percebidas a fim de sugerir um possível encaminhamento de leitura a ser seguido por professores no contexto escolar.

Em suma, nosso intuito, com o texto em pauta, foi demonstrar uma possibilidade de leitura, considerando uma letra de música, gênero muito apreciado por adolescentes. Sendo assim, as discussões empreendidas podem contribuir com a leitura na escola, deixando a superficialidade do texto, para a realização de uma leitura mais aprofundada, na busca dos sentidos iminentes. ●

Referências

- Barros, Diana Luz Pessoa de
1988. *Teoria do discurso*. São Paulo: Atual.
- Barros, Diana Luz Pessoa de
2005. *Teoria semiótica do texto*, 5. edição. São Paulo: Ática.
- Benveniste, Émile
1989. *Problemas de lingüística geral II*. São Paulo: Pontes.
- Cortina, Arnaldo; Marchezan, Renata Coelho
2004. Teoria semiótica: a questão do sentido. In: Mussalim, Fernanda; Bentes, Anna Christina. (Orgs.). *Introdução à lingüística: fundamentos epistemológicos*. vol.3., São Paulo: Cortez, Pp. 393-438.
- Fiorin, José Luiz
1999. *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*, 2.ed edição. São Paulo: Ática.
- Fiorin, José Luiz
2006. *Elementos de análise de discurso*, 14. ed edição. São Paulo: Contexto.
- Índice de Desenvolvimento da Educação Básica IDEB.
2009. Resultados e metas. Disponível em: <<http://ideb.inep.gov.br>>. Acesso em: 08 jan. 2009.

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira INEP.

2009. Programa internacional de avaliação de alunos - pisa. Disponível em: <<http://www.inep.gov.br/internacional/pisa/>>. Acesso em: 14 jan. 2009.

Paraná

2008. Secretaria de Estado da Educação. Diretrizes Curriculares da Educação Básica: Língua Portuguesa. Curitiba.

Tatit, Luiz

2007. *Semiótica da canção: melodia e letra*. São Paulo: Editora Escuta.

Dados para indexação em língua estrangeira

Merith-Claras, Sonia

A semiotic reading of “Pais e filhos”: content plane and lyrics

Estudos Semióticos, vol. 11, n. 2 (2015)

ISSN 1980-4016

Abstract: *The semiotic theory, proposed by Algirdas Julien Greimas, of French orientation, is inserted among theories that focus on to describe and explain how the senses of the texts are produced. In this sense, different scholars are developing works with the intention to get together such theory to teaching of Portuguese Language. The need to find another theoretical and methodological instrument to the teaching is related, mainly, to indicators as Prova Brasil (Brazil Test) and SAEB (Evaluation System of Basic Education) the ones that have been pointed as unfavorable indicators especially to the students reading competence who have taken part of these evaluations. Thus, our objective, in this work, is to suggest, by means of semiotic analyses of the lyrics Pais e Filhos (Parents and Kids), interpreted by Legião Urbana, a possible way to be followed in the reading of genre focused in this study. Our intention, whit such analyses, which shed lights in the discursive gerative way, it is to highlight questions related to the linguistic manifestations. Then, the emphasis is going to be about the choices released by the enunciator and the evocation of themes, which are recovered by the figurative organization. The process of teachers' mediation in the text meaning construction is something essential, because of this, it is believed that the discussions about the lyrics letter could help the teacher to elect the subjects to be approached in the reading classes.*

Keywords: *Semiotics, reading, teaching*

Como citar este artigo

Merith-Claras, Sonia. Uma leitura semiótica de “Pais e filhos”: o plano do conteúdo da canção. *Estudos Semióticos*. [on-line] Disponível em: (<http://revistas.usp.br/esse>). Editores Responsáveis: Ivã Carlos Lopes e José Américo Bezerra Saraiva. Volume 11, Número 2, São Paulo, Dezembro de 2015, p. 40-46. Acesso em “dia/mês/ano”.

Data de recebimento do artigo: 20/2/2015

Data de sua aprovação: 30/11/2015
